



Supremo Conselho Grau 33º do Rito Escocês Antigo e Aceito da Maçonaria para a República Federativa do Brasil

Administração

- Luiz Fernando Rodrigues Torres, 33º
Soberano Grande Comendador
- Jorge Luiz de Andrade Lins, 33º
Lugar Tenente Comendador
- Francisco Antônio Gonçalves Dias, 33º
Grande Ministro de Estado
- Adélman de Jesus França Pinheiro, 33º
Grande Secretário do S.:I.:
- Carlos Antonio de Almeida Deveza, 33º
Grande Secretário do Interior do S.:I.:
- Maurício Soares, 33º
Grande Tesoureiro do S.:I.:
- José Alves de Alencar, 33º
Grande Chanceler Guarda do Selo

SGCs de Honra

- Venâncio Igrejas, 33º †
Brasil
- Geraldo de Souza, 33º †
Brasil
- Ballo Geay Yacouba, 33º
Costa do Marfim
- Jean Sicinsky, 33º
Polônia
- Carlos Reyes Geenzier, 33º
Panamá
- Henri L. Baranger, 33º
França
- José Carlos D. Silva Nogueira, 33º
Portugal
- Agostinho Fernandes Garcia, 33º
Portugal

Membros Efetivos

- Luiz Fernando Rodrigues Torres (04/03/1975)
- Licínio Leal Barbosa (14/08/1980)
- Adélman de Jesus França Pinheiro (12/03/1988)
- Francisco Antônio Gonçalves Dias (12/03/1988)
- Jorge Luiz de Andrade Lins (24/09/1991)
- Atyla Quintaes Freitas Lima (22/09/1998)
- José Linhares de Vasconcelos Filho (21/09/1999)
- José Alves de Alencar (10/03/2001)
- Carlos Roberto Roque (21/06/2001)
- Carlos Antonio de Almeida Deveza (12/08/2002)
- Francisco "Bonato" Pereira da Silva (24/09/2002)
- Rubens Marques dos Santos (15/11/2003)
- Wilson Filomeno (11/09/2004)
- Nelson Gonçalves Correlo (11/09/2004)
- José Francisco Ribeiro Lopes (30/9/2006)
- João Antonio Aidar Coelho (26/07/2008)
- Maurício Soares, 33º (18/09/2008)
- Rui Silvio Stragliotto, 33º (20/06/2009)
- Irineu Ramazzotti, 33º (04/09/2012)
- Sergio Antonio Medeiros Vieira, 33º (13/11/2012)

Mantenha atualizado seu endereço junto ao SC 33



Revista Astréa

Órgão Oficial do **Supremo Conselho Grau 33º do Rito Escocês Antigo e Aceito da Maçonaria para a República Federativa do Brasil**

Fundada em 1º de janeiro de 1927, pelo Ir.: **Mario Behring, 33º**

Registro 009-R na **Associação Brasileira da Imprensa Maçônica**

Diretor Presidente

Ir.: **Luiz Fernando Rodrigues Torres, 33º**,
Soberano Grande Comendador

Jornalista Responsável

Ir.: **João Guilherme C. Ribeiro, 18º**
OJB 242

Redator

Ir.: **Sergio Antonio Medeiros Vieira, 33º**

Editor Fotográfico

Ir.: **Ricardo Sodré Brandão Lira, 32º**

Criação e Produção

Infinity Editorial e Promocional
Rua São Vicente, 127 - Tijuca
20620-140 Rio de Janeiro RJ

Tiragem desta Edição:
22.000 exemplares

Correspondência

Revista Astréa

Rua Barão, 1317 - Jacarepaguá
21321- 624 - Rio de Janeiro, RJ
Brasil

Telefone: (21) 3369-8000

www.sc33.org.br
secretaria@sc33.org.br

Os artigos publicados nesta revista são de inteira responsabilidade de seus autores.

Luiz Fernando Rodrigues Torres, 33°
Soberano Grande Comendador



Meus valorosos Irmãos

Um ano mais findou-se encerrando uma etapa de nossas vidas. Um novo se inicia, cujos sucessos agora ignoramos.

Tivemos em 2013 enorme sucesso; sob este ângulo foi ele enormemente generoso.

As Instituições maçônicas enfasteceram-se em nosso país e no âmbito mundial.

Os Altos Graus administrados pelo **Supremo Conselho** prestigiaram-se enormemente, aumentando o seu número de filiados. Com isto o **Rito Escocês Antigo e Aceito**, em nosso país, mostrou sua qualidade e brilho. A ascese mística proporcionada por sua doutrina evidenciou sua profundidade.

Materialmente prosseguimos na consecução de nossos planos. Inauguramos, em sessão festiva, o novo Templo do **Grau 33**, exemplo de qualidade e beleza. Sua ereção, antes do prestígio do **Rito Escocês Antigo e Aceito**, direciona-se à glória do **Grande Arquiteto do Universo**.

A nova etapa, já iniciada, é a construção dos Templos dedicados à **Perfeição**, ao **Capítulo**, ao **Kadosch** e ao **Consistório**. É nosso intuito que se tornem modelos, no **Rito**.

Acoplados aos Templos, serão criados sedes e Templos destinados às Ordens **DeMolay**, **Filhas de Jó**, **Bethel** e a **Estrela do Oriente**. Completa esta etapa, trataremos da criação do Museu do **Rito Escocês Antigo e Aceito**. Tudo a seu tempo.

Os fatos concristadores foram a perda de inúmeros Irmãos que se transferiram para o Oriente Eterno. Para eles nossa eterna lembrança e o agradecimento por **tudo que fizeram**.

Há, ainda a se considerar, no aspecto negativo, tais como as lutas fratricidas no Oriente Médio, a latente beligerância entre Nações de filosofias políticas e econômicas conflitantes.

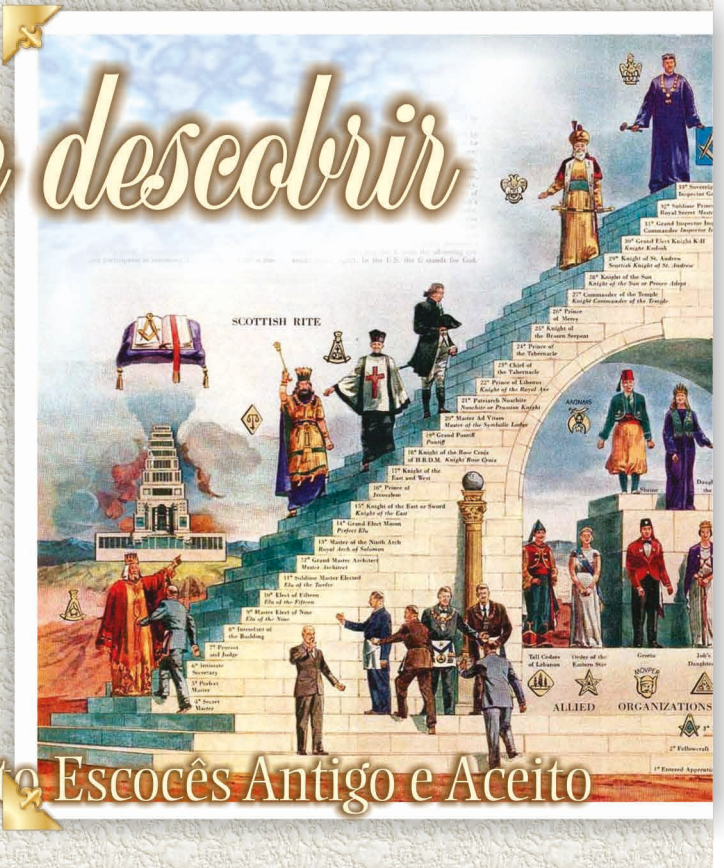
Há, também, a lamentar o desaparecimento de uma personalidade extraordinária, em todos os aspectos, exemplo de dedicação à Humanidade e ao seu povo, por tanto tempo maltratada e humilhada em seu próprio país. Claro que seu nome é **NELSON MANDELA**.

Sugiro que os Altos Corpos Jurisdicionados dediquem reuniões, ou parte delas a homenagear a memória desse gigante da natureza humana.

Obrigado pela paciente leitura desta mensagem.
Boas Festas e esplêndido 2014.



A alegria de descobrir



As Joias dos Altos Graus do Rito Escocês Antigo e Aceito

Ir. João Guilherme C. Ribeiro, 18°

(continuação)

Grau 19 – Grande Pontífice ou Sublime Escocês (*Grand Pontiff ou Sublime Ecossais*)

O título do Grau deve ser entendido por seu significado latino, *pontifex* (do latim, *ponti*, ponte, e *facere*, fazer), construtor de pontes. **Tresner** explica que assim o Maçom deve posicionar-se, como construtor de pontes para o futuro, tanto de si próprio como da sociedade.

Assim como a forma da joia, um paralelograma, alude à forma da pedra ou do tijolo, básicos à construção, o *alfa*, no anverso, e o *ômega*, no reverso, aludem ao Todo Poderoso, sob cujas leis deve este futuro ser construído. Nas pesquisas nas fontes citadas das ilustrações, encontrei três repre-

sentações dessas primeira e última letras dos alfabetos em grego, em fenício e em hebraico.

Além disto, entre as joias, também temos o peitoral do Sumo Sacerdote de Israel, em ouro, com doze pedras que representam as doze tribos.



Gr.: 19 - alef em fenício



Gr.: 19 - tau em fenício



Gr.: 19 - alfa em grego



Grau 20 – Soberano Príncipe da Maçonaria (Master of the Symbolic Lodge)

Como o Grau refere à Loja Simbólica, os três triângulos concêntricos da joia dourada referem-se à tríade tão conhecida dos Maçons brasileiros, tomada da Revolução Francesa: Liberdade, Igualdade e Fraternidade. As nove letras sobrepostas aos vértices dos triângulos enumeram as Grandes Luzes ou Virtudes: Caridade, Generosidade, Veneração, Heroísmo, Patriotismo, Honra, Tolerância, Verdade (Truth, em inglês, daí o T) e Justiça.

Novamente remetendo à Loja Simbólica, duas inscrições formam uma cruz ao centro dos triângulos: o Tetragrama Sagrado na horizontal, em caracteres fenícios, e a expressão bíblica Faça-se a Luz (Gênesis, 1:3), em caracteres hebraicos, na vertical. Com muita propriedade, **Tresner** nos recorda que Hiram Abif era fenício. Melhor dizendo, meio fenício, já que era filho de uma viúva da tribo de Naftali. Então, entre os três protagonistas, temos um judeu, Salomão, um fenício, Hiram, e um meio fenício/meio judeu, Hiram Abif – uma inspiração e um exemplo para os que creem na união maçônica, independente de unificações.



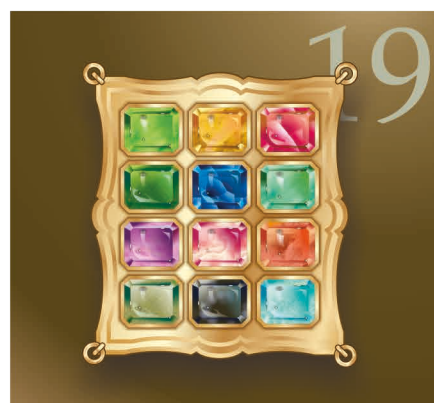
Gr.: 19 - ômega em grego



Gr.: 19 - aleph em hebraico



Gr.: 19 - tau em hebraico



Gr.: 19 - peitoral do Sumo Pontífice



Gr.: 20 - yehi aur



Gr.: 21- triângulo & seta

Grau 21 – Noaquita ou Cavaleiro Prussiano (Noachite or Prussian Knight)

Na Liturgy, Pike denomina os Corpos que trabalham neste Grau de Grande Capítulo. O Grau possui duas joias de formatos diferentes. Na Idade Média, havia um sistema de tribunais de justiça, denominados **Vehmgericht**, ou simplesmente **Vehme**, em que

juízes livres ou laicos da Westfália, província prussiana, se reuniam em sessões secretas para julgar crimes. Daí vem a inspiração para um dos nomes do Grau, Cavaleiro Prussiano, e para a primeira joia, de prata, circular como a lua cheia. Nela, estão um braço armado de espada e a divisa latina *Fiat Justicia, Ruat Coelum*, ou seja, “faça-se a justiça ainda que os céus desabem”. Por outro la-

do, como menciona **Pike** na Liturgy, os juízes prussianos “denominaram-se Maçons Noaquitas porque buscavam emular a justiça primordial e a pureza do amado Patriarca”, daí o título e também o tema da segunda joia. Ela é um triângulo dourado, onde uma seta aponta para baixo, partindo do vértice superior, alusão aos descendentes de **Noé** que tentaram construir a torre de Babel pa-





Gr.: 22 - machado - anverso



Gr.: 22 - machado - reverso



Gr.: 23 - incensário prata



Gr.: 23 - incensário cobre



Gr.: 24 - aleph samaritano



Gr.: 25 - cruz ansata

civilização, mais nobre do que a espada, portanto. Ao abrir espaço nas florestas, o machado ajudou o caçador-coletor a estabelecer-se em comunidades cada vez mais socialmente avançadas. No anverso, o cabo tem a inicial N, de Noé, na ponta, e L, de Líbano, no corpo. Na lamina do anverso estão as iniciais de Adoniram, Ciro, Dario, Zorobabel, Neemias e Esdras. No reverso, o cabo tem o S de Salomão na ponta e o T, de Tsidun, uma cidade da Fenícia. Na lâmina do reverso estão as iniciais de Sem, Cam, Jafé, Moisés, Aholiel e Bezaliel. Todos estes personagens têm participação na utilização dos cedros do Líbano na Arca de Noé e na construção e reconstrução do Templo de Salomão e da cidade de Jerusalém.

Grau 23 – Chefe do Tabernáculo (Chief of the Tabernacle)

A joia de prata, que nos remete à iniciação de um Levita nos mistérios do sacerdócio hebraico, é um incensário em forma de vaso, que uma mão sustenta, para lembrarmos de ao conhecimento de Deus devem chegar nossas boas ações, dignas de um coração limpo e puro. No *Forms and Tradition*, ele aparece com a mão em prata e o vaso em cobre.

Grau 24 – Príncipe do Tabernáculo (Prince of the Tabernacle)

Duas joias tem o Grau de Príncipe do Tabernáculo. Uma é o incensário de prata do Grau 23. A outra é letra fenícia aleph em ouro, aludindo ao pentagrama e, como o início do alfabeto, ao Criador, início de tudo. Com relação à Fé, importante neste Grau, Pike tem uma frase altamente significativa: “A Ciência não pode exercer as funções da Fé, do mesmo modo que a Fé não pode decidir

Grau 22 – Cavaleiro do Real Machado ou Príncipe do Líbano (Knight Royal Axe or Prince of Lebanus)

Um machado dourado, com inscrições em caracteres hebraicos, é a joia do Grau. Pike dizia que o machado era um instrumento de

ra chegar aos céus. A punição de Deus foi impor-lhes idiomas diferentes.

Um detalhe importante: na Alemanha os Cavaleiros Templários, de presença tão marcante nos Altos Graus, tanto do Rito Escocês Antigo e Aceito quanto do Rito de York, não foram perseguidos.



em assuntos de Ciência. Crer e saber são dois termos que não devem ser jamais confundidos.”

Grau 25 – Cavaleiro da Serpente de Bronze (*Knight of the Brazen Serpent*)

Um tau com um círculo ou laço sobreposto lembra a forma do Ankh, a cruz ansata egípcia. Esta é a forma da joia do Grau 25, em ouro. Os braços da cruz tem inscrições em hebraico. No braço vertical da cruz está escrito *Ele sofreu* ou, ainda, *Ele foi ferido*, e, no horizontal, *Nekustan*, serpente de bronze, que pode ser vista enrolada no círculo ou laço superior da joia. Referindo-se ao episódio das serpentes em Êxodo, **Tresner** interpreta a serpente enrolada no laço como significando a cura através da graça espiritual.



Gr.: 26 - coração flamejante



Gr.: 27 - cruz teutônica



Gr.: 27 - tetragrama fenício



Gr.: 28 - heptagrama

Grau 26 – Príncipe da Mercê ou Escocês Trinitario (*Prince of Mercy or Scottish Trinitarian*)

No centro de um triângulo de ouro está um coração flamejante, também em ouro. As letras *I, H e S*, iniciais da expressão latina *Iesus Hominum Salvator* – Jesus, Salvador dos Homens –, estão inscritas sobre o coração. Vale lembrar que só no período da Renascença o *J* se diferenciou do *I*, assim como o *U* do *V*. Nas laterais do triângulo estão as iniciais *W*, de Sabedoria (*Wisdom*), expressada no pensamento criador; *F*, de Força (*Force*), a força criativa ou geradora; e *H* de Harmonia (*Harmony*), o poder da Beleza e Ordem com que a Divindade preserva Suas obras.



Gr.: 28 - pentagrama dourado



Gr.: 28 - pentagrama & olho

Grau 27 – Grande Comandante do Templo (*Knight Commander of the Temple*)

Há duas joias para este Grau. Primeiro, aparecendo na *Liturgy* e na série de gravuras antigas temos um triângulo dourado com a inscrição *INRI* em caracteres fenícios, esmaltados em vermelho.

Segundo, o que na *Liturgy* é descrito como um bordado no avental, em *Vested in Glory* e no *Book of A&ASR*, de **McClenechan**, aparece como joia. É uma cruz dourada potenteia, superposta a uma cruz teutônica negra, tendo ao centro um escudete de prata com uma águia bicéfala negra. Cinco círculos adjacentes de azul, semeados de branco, formam uma nuvem sobre o conjunto.





Gr.: 7 - chave dourada



Gr.: 8 - anverso em samaritano



Gr.: 8 - reverso em samaritano



Gr.: 8 - reverso em samaritano



Gr.: 9 - número em hebraico



Gr.: 9 - número em romano

Pike declara o Grau 27 como o primeiro Grau de cavalaria do Rito Escocês. Os Cavaleiros Teutônicos são especificamente enfocados, daí seu emblema, a cruz negra, ser a joia do Grau. A águia negra sobre o escudo prata, embora bicéfala, como convém às águias no Rito Escocês, lembra a Prússia, o reino que se originou das conquistas dos Cavaleiros Teutônicos e que deu origem à moderna Alemanha.



Grau 28 – Cavaleiro do Sol ou Príncipe Adepto (Knight of the Sun or Prince Adept)

Em seu *Morals and Dogma*, Pike dedicou mais de duzentas páginas a este Grau, para ser mais exato, da página 581 à página 800, quase metade do livro! O Irm.: **Tresner** diz que para muitos ele o de

mais difícil compreensão. No mínimo é terrivelmente exaustivo pela quantidade de citações. Uma passagem de **McClenechan** é significativa: “Aquele que prefere outra coisa que não a razão, a verdade e a justiça, cuja vontade é débil e vacilante, aquele que se assusta com a lógica e a verdade crua, esses não devem ousar buscar as ciências mais elevadas. [...]”

A joia do oficial que preside é dourada. Tem um sol radiante no anverso e, no reverso, o firmamento com signos do zodíaco, de Touro até Libra. Os outros Oficiais usam uma estrela de sete pontas dourada e os demais Irmãos usam o pentagrama dourado. Nas antigas gravuras do *Vested in Glory* aparece ainda o pentagrama vermelho entrelaçado, com o Olho-que-Tudo-Vê no avental e no Oriente. Em *Forms and Traditions*, o pentagrama entrelaçado aparece em vermelho em um quadro sinótico com miniaturas das joias dos Graus, mas com traços únicos, em vez de duplos.

Grau 29 – Grande Escocês de Santo André ou Patriarca das Cruzadas (Scottish Knight of Saint Andrew)

Na joia do Grau, dourada, o elmo remete aos cavaleiros medievais, a cruz evoca Santo André, Padroeiro da Escócia, e o cardo (thistle) é a flor escocesa por excelência. Isto porque, como conta a lenda, no século XIII, invasores nórdicos, descalços, pisaram nos espinhos do cardo e seus gritos de dor alertaram os defensores escoceses. O verde da esmeralda lembra a primavera, quando a cor reaparece nas plantas das grandes latitudes. Por isto, ela é relacionada ao renascer, à esperança e a S. João Batista.

No livro de **McClenechan**, que também intitula o Grau como Pa-

triarca das Cruzadas, a joia que ele descreve é diferente e lembra alguns aspectos do painel do Grau: a cruz de Santo André com o elmo pendente de um hexagrama, formado por dois triângulos entrelaçados, de lados côncavos. Sobre a cruz, há uma serpente alada em volta da letra Iod e, sob ela, uma chave pendurada em um anel.

Grau 30 – Cavaleiro Kadosch ou Cavaleiro da Águia Branca e Negra (Knight Kadosh)

Não sei se por influência da Ordem da Estrita Observância, de onde descendem os Graus relacionados às Ordens de Cavalaria, no Rito Escocês Antigo e Aceito predomina a cruz da Ordem dos Cavaleiros Teutônicos, enquanto que, no Rito de York, as Cruzes de Malta e dos Templários são predominantes nos Graus de Cavalaria.

Encontrei três versões da joia do Grau 30. Duas têm por base uma cruz teutônica dourada, esmaltada de vermelho, e ostentam uma águia bicéfala sobreposta, segurando um punhal em suas garras. A diferença está na cor da águia, que aparece em prata, tal como a descreve Pike na Liturgy e Tresner em Vested in Glory, mas em preto e prata no quadro sinótico anteriormente citado, que aparece em Forms and Traditions. Porém, no seu The Book of the AASR, McClenachan descreve a joia como uma cruz teutônica dourada, esmaltada de vermelho, tendo a inscrição J.:B.:M.: ao centro, muito semelhante à fivela descrita por Pike para o cinto negro de couro do Cavaleiro Kadosch (a grafia americana é Kadosh, sem o c), com a diferença que a cruz é negra. No verso, há um crânio atravessado por punhal.

Uma segunda joia é um punhal com guarda dourada e cabo esmaltado em preto e branco.



Gr.: 10 - adaga em número hebraico



Gr.: 10 - adaga em número romano



Gr.: 11 - adaga longa nº hebraico



Gr.: 11 - adaga longa nº romano



Gr.: 11 - espada dourada nº hebraico



Gr.: 11 - espada dourada nº romano

Grau 31 – Grande Juiz Comendador ou Grande Inspetor Inquisidor Comendador (Inspector Inquisitor)

A joia do Grande Juiz Comendador é de extrema e absoluta simplicidade: uma cruz teutônica em prata e mais nada, coerente com a natureza do Grau. Nas palavras

de McClenechan, “julgar é um dever difícil e uma tarefa que não se exerce com satisfação, porque nela, de certo modo, o homem usurpa as funções de Deus. Assim sendo, portanto, ele deve ser justo, reto, imparcial sem levar em consideração personalidades, influências, posição e poder”.





Gr.: 30 - JBM - reverso - crâneo



Gr.: 30 - punhal



Gr.: 31 - cruz teutônica prata



Gr.: 32 - cruz, numeral, louros



Gr.: 32 - cruz teutônica & águia p&b

Grau 32 – Sublime Príncipe do Real Segredo (Master of the Royal Secret)

No quadro sinótico do *Forms and Traditions* e no *Vested in Glory*, tanto na descrição de **Tresner**, como nas pinturas de **White** e nas pranchas antigas, a joia é uma cruz teutônica dourada, com o numeral em algarismos romanos,

XXXII, envolto em uma coroa de louros. No *Book of the A&ASR*, entretanto, **McCleanechan** coloca uma águia bicéfala preta e branca no centro da cruz.

O Acampamento

Na verdade, este é o próprio painel do Grau. Por isto, embora não seja uma joia, é tão importante que resolvemos reproduzi-lo neste CD. Reduzida aos polígonos de 9,



7, 5 e 3 lados, a figura tornou-se o emblema da Scottish Rite Research Society.

Grau 33 – Soberano Grande Inspetor Geral (Inspector General Honorary)

O fascínio do Grau 33 é incrível, mesmo entre os não Maçons. Invariavelmente, quando alguém conversa comigo e sabe que sou Maçom, é inevitável que tenha um parente ou conhecido que já foi “um dos manda-chuvas (Grau 33, *sei lá, mas você, que é Maçom, sabe*) da Maçonaria”...

Como disse antes, nos Estados Unidos, o Grau 33º é conferido por serviços distinguidos à Maçonaria ou à sociedade em geral. Segundo afirma **Christopher Hodapp**, 33º, no seu *Freemasons for Dummies*, hoje existem cerca de 11.000 *Inspector General Honoraries* nos Estados Unidos. Talvez até por isto, o 33 atraia ainda mais atenção por lá, inclusive por parte das seitas fanaticamente antimaçônicas (você nem imaginam quanta baboseira alucinada e quanto preconceito idiota escorre desses sites!). O livro é interessantíssimo, talvez o panorama geral mais completo da Ordem. Para o Maçom do REAA, ele dá boas referências do porque da escolha do 33, que vai bem além do paralelo de Charleston...

A joia do Grau, naturalmente, é complexa como seria de se esperar. A *Liturgy* de **Pike** não vai até o Grau 33º. Então, baseei-me nas descrições de **Tresner**, no *Vested in Glory*, e em sites dos diversos Corpos ligados à Maçonaria regular.

Sobre uma cruz teutônica dourada e esmaltada de vermelho, está superposta a outra cruz teutônica potenteia, dourada, sobre a qual três triângulos vazados formam um eneágono. Nos nove pequenos triângulos negros, formados nos cru-



zamentos, estão as letras que formam a palavra latina *SAPIENTIA* (Sabedoria). Sob o conjunto estão cruzados o cetro com a Mão da Justiça e uma espada. O eneágono interior é esmaltado de branco e, sobre ele, está uma serpente dourada que morde a própria cauda, à volta de uma medalha negra onde estão inscritos as duas divisas do Grau: *Ordo ab Chao* e *Deus Meumque Jus*. Apenas nesta medalha estão as diferenças entre as três joias apresentadas. Na primeira, outra medalha está sobre a medalha negra, uma cruz branca sobre vermelho e, sobre ela, uma águia bicéfala dourada, encimada por uma balança, uma coroa e um compasso & esquadro. Na segunda, a medalha é uma apenas, em azul. A terceira é a adotada pelo *Supremo Conselho do Grau 33 do Rito Escocês da Maçonaria para a República Federativa do Brasil*.

A divisa latina *Ordo ab Chao*, A Ordem vinda do Caos, vem da mitologia, onde, antes da criação, havia um imenso espaço vazio, Caos, segundo o filósofo grego **Hesíodo**, a primeira divindade. A ideia do caos como desordem, confusão, vem do poeta romano **Ovídio**. Com a criação, sobreveio a ordem das coisas. O pensamento maçônico estabelece paralelos. Se a ignorância é trevas e caos, a educação é a luz que possibilita a civilização.

Deus Meumque Jus, Deus e meu Direito, vem do grito de guerra de **Ricardo Coração de Leão**, quando ele derrotou **Filipe Augusto de França**, na batalha de Gisors, em 1198. Ela continua ainda hoje no brasão do Reino Unido da Inglaterra, Escócia e Irlanda do Norte, mas em francês: *Dieu et mon Droit*.

Outro detalhe interessante diz respeito à serpente. Todos descrevem como duas serpentes, porém, em todas as representações nas joias maçônicas do Grau 33, aparece uma única, apenas, sem dúvida uma referência à *Ourobo-*



Gr.: 33 - cruz SC 33 - JS



Gr.: 33 - centro azul



Gr.: 33 - Sup.: Cons.: Gr.:33 R.:E.:A.:A.: Mac.: para a Rep. Fed. Brasil

ros, uma representação do sem-fim, aquela que **Platão** considerava a primeira criatura que existiu e que, para os gnósticos, representava a eternidade. Vale apenas consultar a *Wikipedia* para ver as representações desde a Idade Média.

A águia bicéfala, tema recorrente em muitos Graus e nos emblemas dos Supremos Conselhos, deriva do emblema do *Conselho dos Imperadores do Oriente e do Oci-*

dente, avô do Rito Escocês, Por isto, e não, como muitos pensam, que vem da águia de **Frederico, o Grande**, cujo brasão tem uma águia negra, mas de uma cabeça. Do *Conselho dos Imperadores do Oriente e do Ocidente* partiu a carta patente que teria, como consequência, a instalação do primeiro *Supremo Conselho do Rito Escocês Antigo e Aceito*, como vimos, em Charleston, em 31 de maio de 1801.





A Concepção de Justiça no Gr.: 31º

Ir.: Osvaldo Novaes, 31º

Trabalho para ascensão ao Gr.: 32º, do Consistório dos Príncipes do Real Segredo "13 de Maio", – Gr.: Insp.: Lit.: do Estado de Sergipe – Abril, 2010

No ritual do Gr.: 31º, do R.: E.:A.:A.:, encontramos, na abertura dos trabalhos, uma frase pronunciada pelo Verd.: Conde que assim se pronuncia:

“Pois que a noite termina e o sol da Justiça se prepara para surgir no horizonte e o espírito da equidade nos inspira, preparemo-nos para abrir os trabalhos.”

Nosso entendimento quanto ao teor desta fala nos diz que, por “a noite termina”, a inteligência do Maçom compreenderá que ali não está referida a noite que sucede o dia no passar das horas, no observar o relógio que marca a divisão das vinte e quatro horas do dia entre períodos diurno e noturno, mas a ação da areia na ampulheta do tempo, assinalando o ocaso da obscuridade da mente humana e o nascimento da V.:

L.:, “o sol da Justiça”, do desaparecimento das trevas da ignorância, do fanatismo e da intolerância, e o surgimento radioso da luz renovadora no horizonte da nova mentalidade humana, trazendo novos tempos, nova compreensão, uma concepção diferente do vero “espírito da equidade”, sem o qual a realização da verdadeira Justiça enfrentará os obstáculos próprios da noite negra das almas não iniciadas.

Mais adiante, no ritual citado, encontramos um postulante dizendo “Justiça!”, ao lhe ser perguntado sobre o que deseja perante o tribunal formado no Templo do Gr.: 31º. O candidato fala de forma veemente, como a buscar proteção que apenas uma Justiça isenta, imparcial e efetiva lhe dará, eis que se sente muito temeroso da perseguição que lhe é imposta, das vilanias, torturas e condenações infames. Esta Justiça

está no Tribunal dos GGr.: Juízes Comendadores.

No instante em que pede “Justiça!”, o candidato tem uma resposta do Verd.: Juiz, na qual se proclama a necessidade de abandonar-se o cotidiano, de colocar-se de lado o trivial da vida profana, para que se dê a Justiça a quem reclame sua intervenção. Até ao guerreiro se recomenda não embainhar a espada antes de que se faça “Justiça!” ao necessitado, ao agredido, ao perseguido temeroso de ser levado à fogueira ou outra forma de morrer, não por crimes comuns praticados, e sim por injusta perseguição diante da opção do homem em exercitar seu livre arbítrio, um bem essencial ao ser humano.

E qual será essa Justiça pleiteada?

A justiça do rei, do poderoso e do iníquo? A justiça religiosa atrelada



aos dogmas e condenações injustas impostas nas abadias, mosteiros e bispados? Aquela outra justiça dos potentados, que usam suas fortunas para destruir os adversários, ainda que homens de bem? Talvez, aquela justiça do suplício que faz a alegria da plebe rude e ignara, sob os auspícios do senhor dominante? Da arena romana onde os cristãos eram dilacerados por leões e tigres famintos?

Os Maçons almejam outro tipo de Justiça, a que ensinará o pedido de sua proteção e atendimento a todos, homens e mulheres, com o mesmo desvelo. E não apenas o atendimento banal e corriqueiro, mas o constituído pelo grande “espírito de equidade” inspirador de ações benéficas que tornarão o “sol da Justiça” radioso, brilhante como aura do espírito perfeito, capaz de ofuscar os que não possuem os “olhos de ver”, os olhos luminosos referidos por **Mateus**, 6:22,23, e **Lucas**, 11 :34-36.

Embora o Maçom reconheça o poder da Justiça proferida pelo antigo tribunal da *Santa Veheme* (ou *Vehme*, *Veeme*) na Europa da Idade Média, já extinto faz muito tempo e citado no ritual do Gr.: 31°, o Obr.: instruído na Arte Real não se limitará apenas a julgar conforme a lei, mas, também, usará os costumes, a

analogia e os usos como parâmetros balizadores de suas decisões.

Sobretudo, o Maçom que viu perecerem **Giordano Bruno**, **Jan Huss**, **John Wycliffe**, o Grão-Mestre **Jacques DeMolay** com outros CCav.: Templários, todos sacrificados pela intolerância religiosa, pelo poder degradado de reis e papas, pela tirania e fanatismo, como o foi ainda **Joana D’ Arc**, a Donzela de Orleans, buscará a verdadeira Justiça no templo de sua consciência, onde está impressa a marca divina. Ali, nessa consciência do Maçom, justo e perfeito, estarão inscritas as palavras do jurista romano **Ulpiano**: “*Honeste vivere, nemo laedere, suum cuique tribuere*”, cuja tradução será: “Viver honestamente, não prejudicar qualquer pessoa, dar a cada um o que é seu.”

Jesus, o Cristo, também espelha o ensinamento quando prescreve não fazer ao próximo o que não gostaria que lhe fosse feito, interpretado ainda nas lições de **Buda**, de **Zoroastro**, e outros, uma Tradição presente nos Mistérios Egípcios, com seus julgamentos e aplicação da correta Justiça, sob os auspícios de **Osiris**, **Isis**, além de outras divindades.

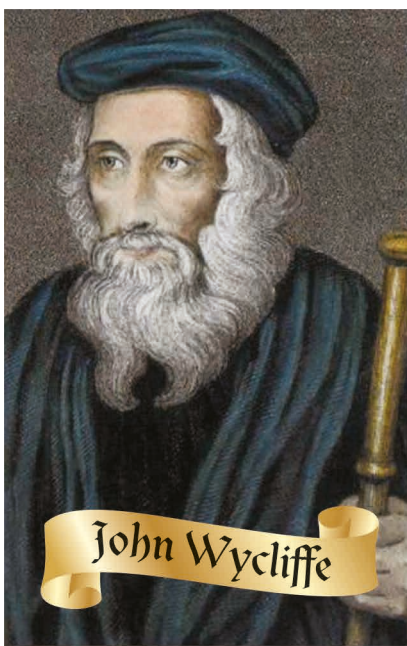
Ao afirmar, no ritual, que: “*A Justiça, entretanto, não reside somente na aplicação das Leis e no regulamentar interesse por uma autori-*

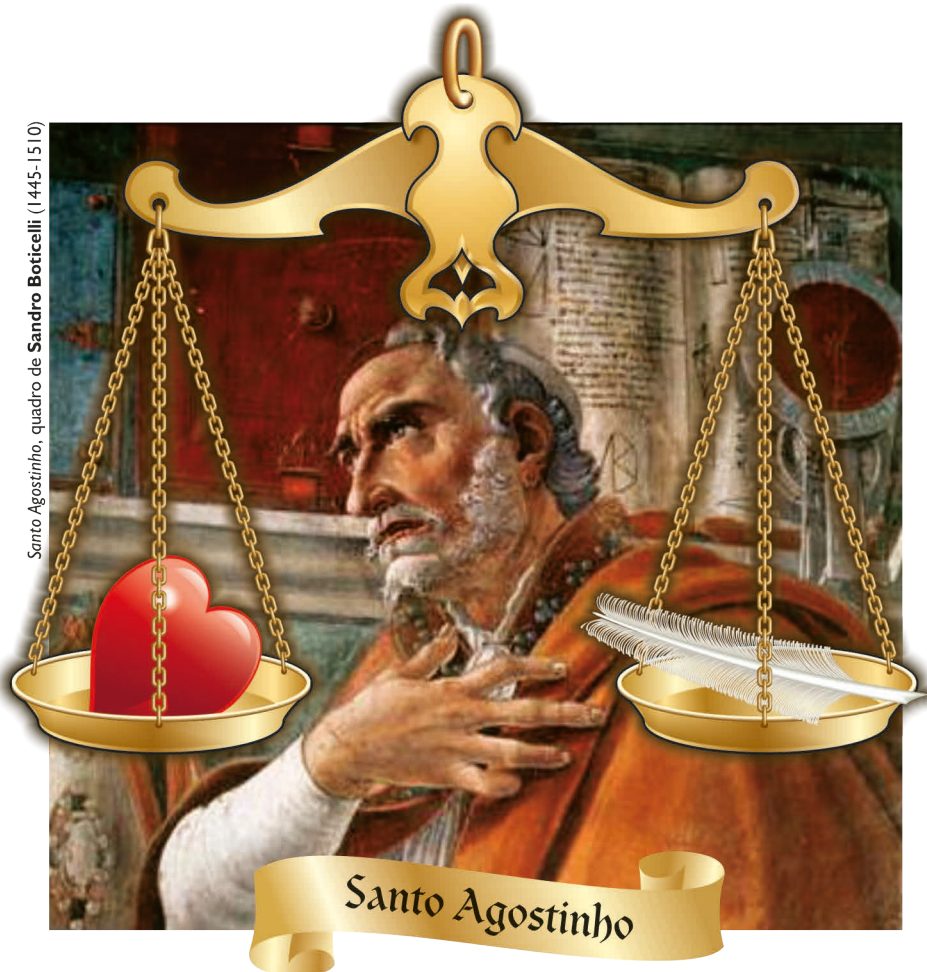
dade Judiciária. Ela consiste, ainda, no dever de dar a cada um a integridade do que lhe é devido, fora mesmo de qualquer obrigação legal, a Maçonaria visa “em uma palavra, o cumprimento dos deveres para com a família, a humanidade, a Pátria...”, buscando conduzir a Humanidade ao estado de elevação intelectual e moral que é seu destino superiormente estabelecido.

Esta condição de ascensão do ser está bem informada no *Livro dos Espíritos*, quando **Allan Kardec**, na pergunta 365, questiona seus mentores espirituais sobre o assunto, recebendo como respostas:

“*É que o Espírito encarnado não é tão puro, e o homem cede à influência de outros Espíritos piores. O Espírito progride através de uma insensível caminhada ascendente, mas o progresso não se realiza, simultaneamente, em todos os sentidos; em uma etapa ele pode avançar em ciência, em outra em moralidade.*”

O Templo da Justiça está constituído na Loja do Gr.: 31°, local onde os VVerd.: Juizes julgarão as causas das pessoas necessitadas, profanos ou Maçons, que aspiram à proteção legal e espiritual face às perseguições que sofrem, impostas injustamente por motivos políticos, religiosos, socioculturais em geral.





É claro que não nos constituímos, neste Gr.:., em uma nova *Veheme*, em novo tribunal que se inspirará na instituição medieval, mas vale a lembrança da honradez e severidade dos julgamentos da *Santa Veheme*, no seu início, além da eficácia na execução das sentenças ali prolatadas.

Em nossos tempos, a Justiça será feita pelos tribunais que o ordenamento jurídico de cada Nação estabelecer, as criações dos homens. Todavia, a verdadeira Justiça, a Justiça maçônica especialmente, será o fruto da elevação espiritual do verdadeiro Iniciado, aquele que vê e compreende além da letra do ritual. Será a Justiça do homem Maçom que compreendeu a Arte Real e busca tornar-se parte da “Grande Obra”, daquilo que está nos primórdios da Maçonaria Operativa e que se transportou, séculos depois, para a Maçonaria Especulativa. Amanhã, quem sabe, a Maçonaria será científica, ou simplesmente filosófica, e parcialmente religiosa. O Maçom será sempre o agente transformador de si mesmo e da sociedade.

De qualquer forma, lembremos do ensinamento de **Santo Agostinho**, bispo de Hipona, teólogo e doutor da Igreja Católica, recomendando o conhecimento de si mesmo para perfeita elevação espiritual e comunhão com a Divindade. Assim, diz esse santo homem: “*Questiona, portanto, e perguntai-vos o que fizeste e com qual objetivo agistes em tal circunstância; se fizestes alguma coisa que censurais em outrem; se fizestes uma ação que não ousaríeis confessar... Quando estiverdes indecisos sobre o valor de uma de vossas ações, perguntai-vos como a qualificaríeis se fosse feita por outra pessoa; se a censurais em outrem, ela não poderia ser mais legítima em vós, porque Deus não tem duas medidas para a Justiça.*”

O Gr.: Juiz Comendador, ou Inspetor Inquisidor Comendador, titular do Gr.: 31°, do R.:E.:A.:A.:., não será simples detentor do poder de julgar, mas juiz sereno e abalizado, desprovido das máculas da parcialidade, da intolerância, da busca da vingança e da satisfação de interes-

ses escusos. Lembrará, também, de que algum dia será julgado, quando seu coração deverá estar tão leve como a pena de avestruz que representa **Maat**, a deusa da Verdade, no julgamento de **Osiris**.

Conhecendo-se a si mesmo o Espírito conhecerá melhor a natureza humana, a natureza das coisas, julgará com maior discernimento os seus semelhantes e lhes aplicará, em cada julgamento, a sentença de acordo com a lei, mas levando-se em consideração a peculiaridades de cada caso, seja o postulante da Justiça poderoso ou humilde, rico ou pobre. Não será o Maçom um aplicador puro e simples dos ditames de uma *Santa Veheme* moderna, mas aquele que “*conhece das sentenças proferidas, em matéria de disciplina, pelas LLoj.: do Rito; ele pode ter de julgar as próprias LLoj.: por violação dos EEstat.: ou dos Regulamentos; enfim, pode funcionar como jurisdição de arbitragem e de conciliação, no caso de conflito entre dois llr.: ou duas autoridades maçônicas*”, conforme dita a lição do ritual deste Gr.:.

E o bom Juiz deverá ter “*clarividência, o saber jurídico, a independência e a imparcialidade, que não exclui a piedade.*”

Os ensinamentos do Gr.: 31° são consentâneos com o desejo de Justiça que a Humanidade atualmente anseia: Justiça ampla, de fácil acesso, de solução rápida de conflitos, não onerosa, mas eficiente sob todos os aspectos. O Gr.: Juiz Comendador será, então, indispensável para a consecução desse ideal dos homens e mulheres do presente e do futuro, por se revestir dos ensinamentos que a Maçonaria lhe proporcionou ao longo do tempo, até mesmo com sacrifício de alguns dos seus integrantes. ▲

Bibliografia

Ritual do Gr.: 31°, do R.:E.:A.:A.:.

Bíblia Sagrada - tradução de **João Ferreira de Almeida**

O Livro dos Espíritos - **Allan Kardec**.





Manoel Cossão Neto, 33º
 CPRS Visconde do Rio Branco

*"Se o grão de trigo cair no chão e não morrer,
 fica só, mas, se morrer, dará muitos frutos."
 (João, 12:24.)*

Durante séculos incontáveis, sociedades de todo o mundo criaram rituais, elaborados sobre o ciclo do nascimento e da morte. Observou-se que, assim como uma semente brota da terra, amadurece, depois murcha e morre, também, o homem *"surge e é cortado, como uma flor"*; na primavera, a terra produz e vai morrer no outono; o Sol nasce ao amanhecer e desaparece ao anoitecer. Não é de admirar que, diante de uma tal impressionante dependência da natureza e dos elementos, as sociedades primitivas tenham criado mitos convincentes para explicar as coisas que estavam, efetivamente, além da sua compreensão e do seu controle. Porém, observaram ainda, que, embora a natureza morresse, também, voltaria a surgir. Os

grandes pensadores e filósofos dessas antigas civilizações achavam que seu conhecimento era tão convincente que chegava a ser sagrado e, portanto, só podia ser revelado aos Iniciados ou aos igualmente elevados na mente e na estatura. Uma das maneiras que usavam para registrar seus conhecimentos e, ao mesmo tempo, ocultá-los dos não-Iniciados, era velar as informações sob metáforas e alegorias; dessa maneira, os não-informados e não-iluminados só ouviam uma história. Os mitos e os símbolos eram um meio convincente de evocar a compreensão de grandes verdades, que não podiam ser dirigidas à mente pensante, mas tinham de ser diretamente compreendidas pela intuição.

Na Grécia, a religião separava as cidades tanto quanto as unia. Sob o culto geral dos deuses do Olimpo, havia outros mais intensos das divindades locais e algumas pessoas que não prestavam vassalagem a **Zeus**. O separatismo tribal e político alimentava o politeísmo e tornava impossível o monoteísmo. Em tempos mais primitivos, cada família tinha seu deus particular, em cujo louvor o divino fogo ardia constantemente na lareira; a ele eram oferecidos o alimento e o vinho antes de cada refeição. Essa sagrada comunhão, ou compartilhamento da comida com o deus, era o ato básico e primário da religião no lar. O nascimento, o casamento e a morte eram santificados, como sacramentos, pelo antigo ritual diante do fogo; e, dessa forma, a religião derramava uma





Ânfora funerária encontrada em Elêusis, hoje no Museu Nacional Arqueológico, Atenas,

das as bênçãos e todos os terrores, todas as qualidades do homem e, até mesmo os vícios, eram personificados num deus, em geral, de forma humana. Nenhuma outra religião foi tão antropomórfica quanto a grega. Cada um dos deuses tinha uma lenda, ou história, que justificava sua situação na vida da cidade, ou o ritual com que era honrado. A despeito das realizações da filosofia e das tentativas de uns poucos em favor da adoção de um credo monoteístico, o povo continuou, até o fim da civilização helênica, a criar mitos e mesmo deuses.

Consegue-se dar alguma ordem e clareza ao enxame de deuses se os dividirmos artificialmente em sete grupos: deuses do céu, deuses da terra, deuses da fertilidade, deuses animais, deuses subterrâneos, deuses ancestrais ou heróis, e deuses olímpicos. “Enumerá-los pelos

seus nomes”, como disse Hesíodo, “seria árdua tarefa para um homem mortal”.

Essencialmente, havia três elementos e estádios na religião grega: o ctônico, o olímpico e o místico. O primeiro dedicava-se à adoração dos deuses subterrâneos, e era mais popular entre os pobres; o segundo, dos deuses celestiais, era mais popular entre as pessoas ricas; e o terceiro, dos deuses ressurretos, era mais popular entre as pessoas da classe média. O primeiro predominou antes da idade homérica; o segundo, durante essa idade; e o terceiro, depois dela. Nos tempos do Iluminismo de **Péricles**, o mais vigoroso elemento da religião grega era o *Mistério*. No seu sentido grego, *Mistério* consistia numa cerimônia secreta em que se revelavam símbolos sagrados: ritos simbólicos se realizavam, e só os Iniciados eram adoradores. Os ritos costumavam representar, ou comemorar, em forma semidramática, os sofrimentos, a morte e a ressurreição de um deus, relacionado com velhos temas da vegetação e da magia; esse deus prometia aos Iniciados uma imortalidade pessoal. **Platão**, jun-

poesia mística sobre os atos elementares da vida humana, dando-lhe solene estabilidade. Portanto, a família, a tribo e a cidade possuíam, cada qual, o seu deus próprio e mantinham sempre aceso o Fogo Sagrado, símbolo da vida misticamente poderosa e da eterna imaginação religiosa do povo grego.

A imaginação religiosa da Grécia produziu uma mitologia exuberante e um copioso panteão. Todos os objetos, ou forças da natureza, to-



Perséfone, filha de Deméter, deusa da agricultura, e Hades, deus do mundo dos mortos, formam a base do mistério com que os gregos explicavam o ciclo da vida.



Demeter para os gregos e Ceres para os romanos, era a deusa da agricultura, venerada nos Mistérios de Elêusis.



tamente com **Pitágoras**, integra o rol de figuras notáveis (entre as quais **Sócrates** e **Aristóteles**), associadas às *Escolas de Mistérios* gregas. Na verdade, essas *Escolas* eram cópias diretas das primeiras *Escolas de Mistérios* egípcias e indianas, e, como em suas precursoras, não apenas ensinava-se a reencarnação como uma doutrina central, mas ela, também, representava um grau indispensável (ritual simbólico), pelo qual todos os Iniciados tinham de passar, antes de alcançar a purificação e progredir para níveis mais elevados. A chave da estrutura da crença dos discípulos do pensamento platônico era a jornada da alma por períodos de vida sucessivos, como uma forma de purificação.

Muitos lugares da Grécia celebravam tais rituais místicos, mas nenhum com tanta importância como Elêusis. Em Elêusis, os *Mistérios* eram de origem pré-aquêia; talvez, fossem, inicialmente, uma festa outonal. Um dos mitos explicava como **Deméter**, deusa do trigo e da terra cultivada, recompensando o povo da Ática por sua fé, estabeleceu, em Elêusis, seu maior templo, o qual foi, muitas vezes, destruído e reconstruído no curso da história grega. A festa eleusiana de **Deméter** era realizada com inescandível liturgia e pompa.

Nos *Mistérios Menores*, celebrados na Primavera, os candidatos à Iniciação submetiam-se a uma purificação preliminar, que consistia num mergulho espontâneo nas águas do rio Ilisso. Em setembro, os candidatos e outros participantes marchavam em solene, mas alegre, peregrinação ao longo da estrada que levava a Elêusis, conduzindo, à frente do cortejo, a imagem da divindade ctônica **Iaco**. A procissão chegava a Elêusis sob o clarão das tochas e, solenemente,



Ceres e duas ninfas, quadro de Peter Paul Rubens (1577-1640)

Estádio, moeda grega, cerca de 520 a.C.



Um grão de trigo, enterrado no solo de repente, no devido tempo, retorna à vida. Este mistério, inexplicável para os gregos, forma a base dos Mistérios de Elêusis, praticados perto de Atenas.

Perséfone, filha de Deméter, fora raptada por Hades, deus do mundo das sombras, para onde desciam os mortos. Sua mãe, buscando-a por toda parte, fez com que a terra não mais produzisse grãos enquanto Perséfone não fosse encontrada. Mercúrio, mensageiro dos deuses, encontrou-a. Porém, por ter provado a romã, não poderia retornar. Assim, seis meses subia ao mundo dos vivos para conviver com a mãe e seis meses com o marido, no mundo das sombras.



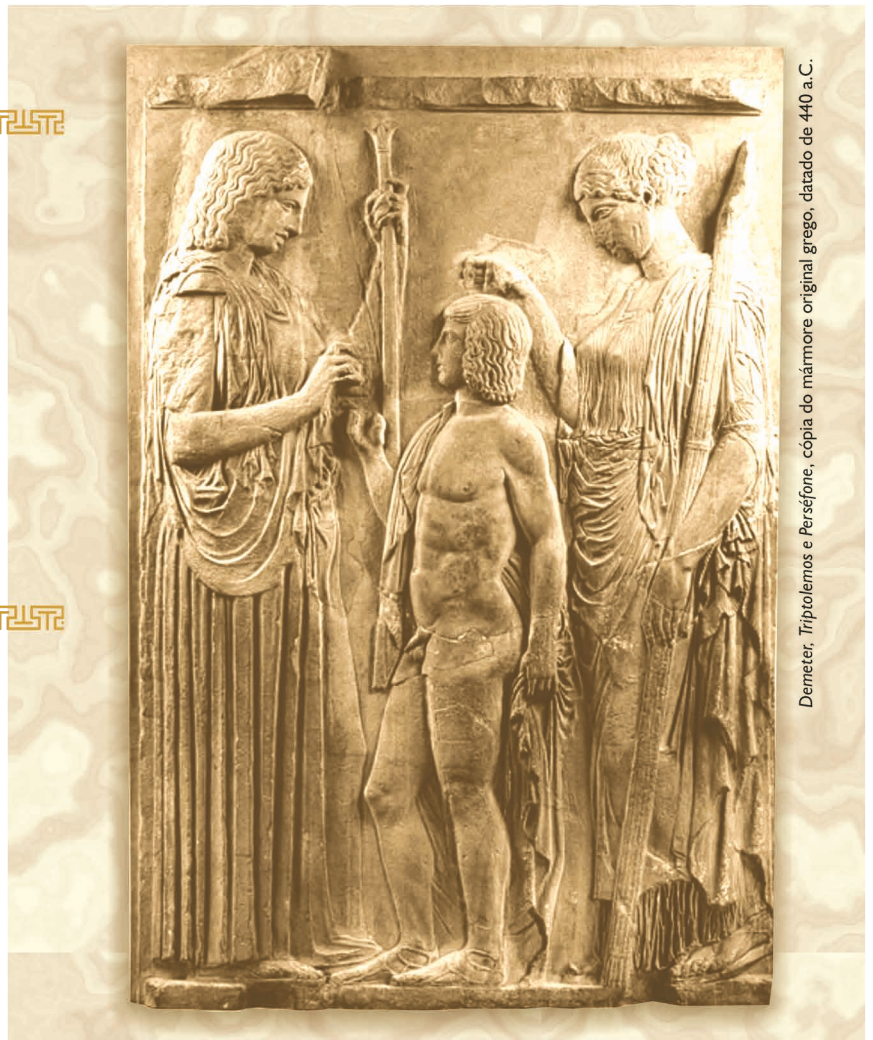


Com a descoberta da agricultura, o homem deixou de ser simples caçador gregário e pode então estabelecer-se e multiplicar-se. A mitologia grega tem uma lenda para o aparecimento da atividade agrícola. Nela, o jovem Triptolemos recebeu de Demeter as sementes e uma carruagem com dragões alados, com a qual ele voou por toda a terra habitada, semeando os campos. A veneração por Deméter é a razão de ser dos Mistérios de Elêusis.



depositava a imagem no templo; depois disso, os peregrinos passavam o resto do dia em danças e cantos sacros.

Os *Grandes Mistérios* duravam quatro dias ou mais. Os já purificados pelo banho e pelo jejum eram, então, aceitos nos ritos menores; os que se tinham Iniciado no ano precedente viam-se levados à Sala da Iniciação, onde se realizava a cerimônia secreta. Os *Mystai*, ou Iniciados, quebravam o jejum participando de uma comunhão sagrada, feita em memória de **Deméter**, bebendo uma mistura de farinha e água e comendo bolos salgados. Que espécies de rituais místicos eram então praticados não se sabe. O segredo foi muito bem conservado através da antiguidade, sob pena de morte. Mesmo o piedoso **Ésquilo** por pouco escapou à condenação por ter escrito certas linhas que podiam tê-lo revelado. A cerimônia era, em todos os casos, uma representação simbólica e contribuía para formar o drama dionísíaco. Ao final da cerimônia, vinha imediatamente a solene proclamação de que *nosssa senhora deu à luz um menino sagrado* e uma espiga de trigo surgia como produto do parto de **Deméter**, a generosidade dos campos. Os fiéis eram, então, conduzidos sob a luz frouxa das tochas através de escuras cavernas subterrâneas, que simbolizavam o **Hades**, e, de novo, passavam para uma câ-



Demeter, Triptolemos e Perséfone, cópia do mármore original grego, datado de 440 a. C.

mara profusamente iluminada, representando, ao que parece, a morada dos bem-aventurados. Mostravam-lhes, em seguida, em solene exaltação, os objetos sacros, relíquias ou ícones, que, até aquele momento, haviam-lhes sido ocultos. Neste êxtase de revelação, segundo se afirma, os fiéis sentiam-se perfeitamente unificados com Deus, com o qual suas almas formavam uma só Unidade; viam-se arrancados à ilusão da própria individualidade e experimentavam a paz da absorção divina.

Na época de **Pisístrato**, os *Mistérios de Dionísio* passaram a fazer parte da liturgia de Elêusis, por uma espécie de contágio religioso, o deus **Iaco** foi identificado com **Dionísio** como filho de **Perséfone**, e a lenda de **Dionísio Zagreu** foi superposta ao mito de **Deméter**. Mas, através da variedade de formas, a idéia básica dos *Mistérios*

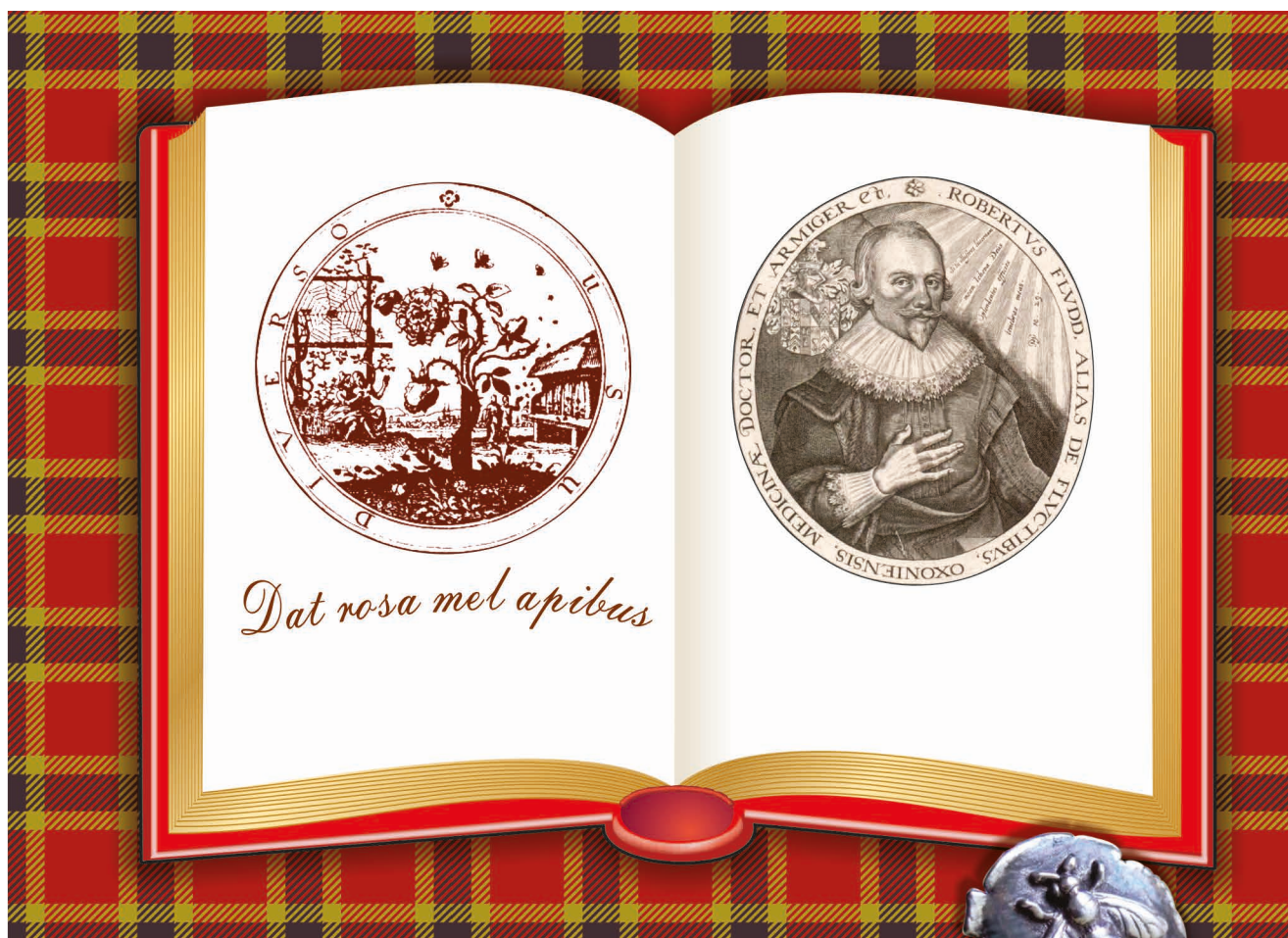
permanecia a mesma: como a semente torna a brotar, assim, também, os mortos renascem; e não só para a horrível e sombria existência no **Hades**, mas também para uma vida de felicidade e de paz.



Bibliografia

- 1 - Durant, Will. *História da Civilização. Vol II.* Trad. Mamede de Souza Freitas. Ed. Record. RJ: sd.
- 2 - Grimal, Pierre. *Larousse World Mythology.* Hamlyn: 1973.
- 3 - Head, Joseph e Cranston, Sylvia. *Reincarnation: The Phoenix Fire Mystery.* Julian Press: 1977.
- 4 - Thornton, Penny. *As forças do destino.* Trad. Léa Passalacqua. Ed. Cultrix. São Paulo: 1998.
- 5 - Whitton, Joel. e Fisher, Joe. *Vida/Transição/Vida.* Ed. Pensamento. São Paulo: 1992.





A Simbologia Esotérica da Abelha



Aurivan de Castro, M.:M.:

A.:R.:L.:S.: Moral e Virtude nº 24, Or.: de Palmas, TO

A Maçonaria tem como um de seus pilares, o trabalho social, que é desenvolvido com o auxílio principalmente das “Colméias”, formadas pelas cunhadas. O objetivo desse trabalho é promover a reflexão sobre o simbolismo da Abelha e sua função esotérica, utilizada por eminentes místicos, como **Robert Fludd**, autor da figura ao lado que utilizou como slogan *dat rosa mel apibus*, ou seja, a rosa dá mel às abelhas, onde a rosa representava o triunfo espiritual sobre a matéria. Ainda, na figura, as colmeias representam forças solares positivas, enquanto que a teia de aranha, as forças lunares negativas, as quais estão harmonizadas com a rosa filosófica.

O nome científico da abelha, *Apis mellifera*, vem da mitologia grega, tanto da ninfa Melissa, que alimentou Zeus menino com mel e leite de cabra, quanto das sacerdotisas de Seméter e Ártemis.



Historicamente, na Ásia Menor, especificamente na Anatólia, por volta de 3.500-1.750 a.C., havia o culto a uma deusa que era representada usando uma tiara em forma de colmeia. O mel era considerado sagrado e usado para embalsamar os mortos enterrados em posição fetal. Vários mitos descrevem a restauração da vida após a morte com o auxílio do bálsamo de mel da deusa anatóliana.

O símbolo de **Afrodite**, no seu templo em Eryx, era um favo de ouro e suas sacerdotisas eram chamadas **Melissas**, assim como também as que serviam nos templos de **Deméter, Ártemis, Rhea e Cibele**, nos cultos da Grécia, Roma e Ásia menor. Essas sacerdotisas exerciam funções oraculares, se alimentavam



apenas com pólen e mel e recebiam o dom de falar a verdade da deusa Abelha, que a sussurrava nos seus ouvidos.

As abelhas eram consagradas à deusa desde a antiga civilização e aparecem nos mitos gregos como “pássaros das Musas”, atraídos pelo aroma das flores do qual preparavam o mel, considerado um néctar divino. Acreditava-se que as abelhas eram almas das sacerdotisas que serviram às deusas **Afrodite** e **Deméter**, acompanhando a passagem das outras almas entre os mundos.

O mel era valorizado tanto pelo seu aspecto sagrado, quanto por ser nutridor e preservador, como bactericida. O mel e o sal eram os únicos conservantes do mundo antigo e, portanto, considerados agentes de ressurreição e transmutação. As abelhas, símbolos do poder feminino da natureza, criavam este produto doce e mágico e o guardavam em favos com estrutura hexagonal. O hexágono era considerado pela escola pitagórica, uma expressão do espírito de **Afrodite** (uma dupla deusa tríplice) e as abelhas reverenciadas como criaturas sagradas, que sabiam como formar hexágonos perfeitos. Nas suas práticas espirituais os adeptos de **Pitágoras** meditavam fixando a mente na estrutura geométrica do triângulo, do hexágono e dos ângulos de 60°, para compreender melhor os mistérios da simetria cósmica.

No seu aspecto transcendental, as abelhas representam imagens da interconexão sutil e milagrosa da vida. A intrincada estrutura hexagonal, que guarda a dourada essência da vida, é uma equivalente da teia invisível da natureza, que coordena



Maat, deusa egípcia da justiça, da verdade e da ordem natural das coisas do mundo. Para seus seguidores, o gosto do mel significava o próprio gosto da verdade.

lha rainha por serem preguiçosos e comilões!).

Uma imagem da deusa **Maat** a representa como abelha com grandes asas e segurando um pote com mel, augúrio do renascimento. A estátua de **Ártemis** de Éfeso, considerada uma das sete maravilhas do mundo antigo, tinha inúmeras protuberâncias no seu corpo, cuja natureza não foi elucidada. Uma das teorias as considera seios, daí o nome de **Ártemis com mil seios**. Outras teorias as veem como frutas de palmeiras, berinjelas, cachos de uvas, ovos de avestruz, bolsas para amuletos ou cornucópias. Mas também podem ser interpretadas como os ovos que a abelha rainha deposita diariamente

todas as criaturas e coisas em um padrão harmonioso. O movimento incessante das abelhas, para polinizar as flores e extrair seu néctar para ser transformado em mel, é um exemplo para os humanos trabalharem continuamente, para colherem os frutos dos seus esforços e transformá-los em sustentação e comemoração (os zangões são mortos após a dança nupcial com a abe-



Ártemis era a protetora da fertilidade. Em uma das famosas representações da deusa, chamada Ártemis de Éfeso, ela aparece com muitos objetos esféricos sobre o peito, comumente interpretados como sendo seios. Mas é possível que represente testículos de touro, animal associado à fertilidade.



te nos favos, **Ártemis**, neste caso, sendo vista como a representação da deusa Abelha, cujo dom era gerar continuamente a vida e consagrar a morte como uma etapa que antecedia a ressurreição. **Napoleão Bonaparte** em parte de seu traje, a fim de criar um laço com o passado, adaptou a abelha em colares, nos trajes e em sua biblioteca constava a abelha.

Nos mistérios Órficos, a abelha simbolizava a Alma, visto que esse povo considerava as almas como abelhas da colmeia “enxame” da unidade divina.

No Cristianismo, a abelha simboliza a **Virgem Maria**, pois ela gerou o **Cristo**, cujo símbolo é o mel. Simboliza ainda a eloquência que os santos tiveram, lembrando a habilidade de profetizar e com as palavras.

A simbologia das abelhas é um tema vasto, presente em todas as tradições, ora focada mais em seus aspectos de pureza, sabedoria, imortalidade ou de fertilidade, morte, loucura, podendo significar inclusive a primeira matéria alquímica.

Na Senda Maçônica é necessário que nos utilizemos da simbologia da abelha, para refletirmos em nos-



As abelhas foram parte essencial da iconografia napoleônica como símbolo de operosidade.



O Imperador Napoleão I em 1807, quadro de Jacques-Louis David (1748-1825)

sa vida diária, desenvolvendo a polidez, “a doçura” no tratar, promover a alquimia interior, a regeneração, a restauração de nossa vida atual em uma mais elevada.

Que o G.:A.:D.:U.: nos dê a perseverança, a disciplina, a obediência e o poder transmutador da abelha, para que, assim, possamos nos aproximar cada vez mais de sua criação, e nos tornar Uno. ▲

Bibliografia Consultada:

AMORC. Fórum Rosacruz, Volume III, nº 01, Curitiba:PR, 2011.

Sites:

SCRIBD. Dicionário de Simbolos. Acesso realizado em 06/10/2013. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/23602045/Dicionario-de-Simbolos-Esotericos>

SIGNIFICADO DOS SIMBOLOS. Abelha. Acesso realizado em 07/10/2013. Disponível em: <http://www.significadodossimbolos.com.br/busca.do?simbolo=Abelha>

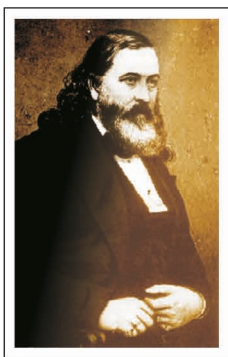
TOPGYN. Glossário. Acesso realizado em 06/10/2013. Disponível em: <http://www.topgyn.com.br/conso17/glossario/conso17a05.php>



Retratado como no momento da coroação, Napoleão veste o manto imperial semeado de abelhas douradas.

O Pensamento Vivo de *Albert Pike*

Moral and Dogma



Cavaleiro Kadosch ou Cavaleiro da Águia Branca e Negra

Grau 30

Tradução livre de
J. W. Kreutzer-Bach

Nota ao Leitor

Como afirmamos desde o início desta série de traduções do famoso *Moral and Dogma*, o texto do Soberano Grande Comendador *Albert Pike*, depositado na Livraria do Congresso dos Estados Unidos da América, em 1871, não é um texto de fácil tradução por diversos motivos. O primeiro é que o autor tem um estilo difícil, quase sempre em linguagem indireta. O segundo foi atualizar o significado de alguns termos, alterado pelo tempo. Outro ainda é que os conceitos abstratos são delicados de traduzir, porque envolvem o conhecimento desses conceitos à luz da época.

J.W. Kreutzer-Bach



Pike, em *Morals and Dogma*, usa as consoantes hebraicas K, D e Sh da palavra Kadosh, título dos Cavaleiros deste Grau – sagrado, santo.

Com frequência nossos inimigos nos são mais proveitosos do que nossos amigos – “só é possível apoiar-nos no que nos resiste”. Devemos nosso sucesso à oposição. Os melhores amigos da Maçonaria nos Estados Unidos foram os antimaçons de 1826 (1) e, ao mesmo tempo, seus piores inimigos. Os homens não são mais do que autômatos da Providência, que usa dos demagogos, os fanáticos e os desonestos, uma trindade comum nas repúblicas, como instrumento para realizar aquilo que eles nem sonham e que se imaginam destinados a impedir.

Os antimaçons, os traidores e perjuros, alguns meramente políticos desonestos, purificaram a Maçonaria com sua perseguição e, desta forma, a beneficiaram, porque o que é perseguido cresce. Para eles, a presente popularidade se deve [à] vulgarização dos Graus, à invasão

das Lojas, que não são mais santuários, pela multidão, por sua pompa e cerimonial levados ao exagero.

Há uma centena de anos atrás, tornou-se conhecido que os *Kadosh*(2) eram os Templários sob um véu. Assim, o Grau foi banido e, não mais sendo trabalhado, tornou-se uma cerimônia breve e formal sob outro nome. Agora, de sua tumba, na qual, depois de seus crimes, ele apodreceu, **Clemente V** vocifera contra os sucessores de suas vítimas na *Alocução* de **Pio IX** contra os Maçons. Os espectros dos Templários mortos assombram o Vaticano e perturbam a modorra do Papado inerte, que, temendo os mortos, vociferam suas excomunhões e anátemas impotentes contra os vivos. É uma declaração de guerra, necessária para tirar [o Vaticano] da apatia e da inércia e leva-lo à ação. (3).



Um inimigo dos templários nos dirá o segredo dessa hostilidade papal contra uma Ordem que tem existido por séculos a despeito de seus anátemas e que tem seus Santuários e Asilos até mesmo em Roma. Será fácil, enquanto lemos, separar o falso do verdadeiro, as conjecturas audaciosas dos fatos simples.

Um poder que governou sem antagonismo nem concorrência – e, consequentemente, sem controle – provou ser fatal às sociedades Sacerdotais e Monárquicas. Já as repúblicas, por outro lado, têm perecido pelo conflito das liberdades e franquias, que, na ausência dos deveres devidamente sancionados e implantados, logo tornaram-se meras tiranias, rivais umas das outras. Para encontrar um meio-

-terno estável entre esses dois abismos, a ideia dos hierofantes cristãos era criar uma sociedade devotada abnegadamente a votos sagrados, protegida por regras severas. Deveria ser recrutada por iniciação e, depositária exclusiva dos grandes segredos sociais e religiosos, deveriam fazer reis e pontífices, sem expor-se à corrupção do Poder. Nisso estava o segredo daquele reino de **Jesus Cristo**, que, sem ser deste mundo, governaria em toda sua grandeza.

Esta ideia presidiu a fundação das grandes ordens religiosas, quase sempre às turras com as autoridades seculares, eclesiásticas ou civis. Sua realização foi também o sonho das seitas dissidentes de gnósticos ou *Illuminati*, que pretenderam conectar sua fé às primitivas tradições da cristandade de

São João. Não tardariam a constituir-se em ameaças para a Igreja e a sociedade, quando uma Ordem rica e dissoluta, iniciada nos mistérios da Cábala, parecia inclinada a virar-se contra a autoridade legítima e o princípio da hierarquia, ameaçando o mundo inteiro com uma imensa revolução.

Os Templários, cuja história é tão imprecisamente conhecida, eram esses terríveis conspiradores. (4)

Em 1118, no Oriente, nove cavaleiros cruzados, entre eles **Geoffroi de Saint Omer** e **Hugues de Payens**, consagraram-se à religião e fizeram um juramento, nas mãos do Patriarca de Constantinopla, uma sé sempre secreta ou abertamente hostil à de Roma desde o tempo de **Photius**. (5)

O pretenso objetivo dos Templários era proteger os cristãos em visita aos lugares sagrados. Mas seu objetivo secreto era a reconstrução do Templo de Salomão tal como profetizado por **Ezequiel**.

Esta reedificação, formalmente prevista pelos místicos judaizantes das idades remotas, tornou-se o sonho dos Patriarcas do Oriente. O Templo de Salomão, reconstruído e consagrado ao culto católico, tornar-se-ia, com efeito, na metrópole do universo; o Oriente prevaleceria sobre o Ocidente e os Patriarcas de Constantinopla possuiriam então o poder papal.

Os Templários, ou *Pobres Soldados-Companheiros da Sagrada Casa do Templo* que se tencionava construir, tomaram como seu modelo, na Bíblia, os Maçons-Guerreiros de **Zorobabel**, que trabalhavam segurando a espada em uma mão e a trolha na outra. Por isto, a Espada e a Trolha eram as insígnias dos Templários, que, subsequentemente, como será visto, ocultaram-se sob o nome de Irmãos Maçons. [Este nome, *Frères Maçons* em francês, adotados em referência aos construtores do segundo Templo, foi corrompido no idioma inglês como *Free-Masons*, tal como **Pitágoras de Crotona** virou *Peter Grove de Groton*, em inglês. **Khairum** ou **Khur-um**, um nome mal transliterado como **Hiram**, de um artífice em bronze e outros metais, tornou-se o Grande Construtor do *Haikal Kadosh*, a Casa Sagrada do Templo, o Ieros Domos (*Hieros Do-*





A cruz templária, que aparece no brasão do Grau 30, ilustrado abaixo, alude à cruz formada pelas quatro trolhas.

mos, casa do Senhor). Do mesmo modo, as palavras *Bonai* e *Banaim* aparecem nos Graus maçônicos, significando construtor e construtores.]

A trolha dos Templários é quádrupla e suas placas triangulares estão arranjadas em forma de cruz, formando o pantáculo conhecido como Cruz do Oriente. O Cavaleiro do Oriente e o Cavaleiro do Oriente e do Ocidente têm, em seus títulos, alusões secretas aos Templários, de quem foram inicialmente os sucessores.

O pensamento secreto de **Hugues de Payens**, ao fundar a Ordem, não foi servir às ambições dos Patriarcas de Constantinopla. Existia no Oriente, naquele tempo, uma seita de cristãos joanitas, que se diziam os únicos Iniciado verdadeiros aos mistérios da religião do Salvador. Eles pretendiam conhecer a história real de **Jesus**, o *Ungido*, e, adotando em parte as tradições judaicas e as lendas do *Talmud*, estavam convictos de que os fatos contados nos Evangelhos não

eram senão alegorias, a chave para as quais é dada por **São João**, ao dizer que o mundo poderia encher-se de livros que poderiam ser escritos sobre as palavras e ações de **Jesus Cristo**. As palavras, pensavam eles, poderiam ser tomadas como ridículos exageros, se Ele não estivesse falando de uma alegoria e uma lenda, que poderia ser variada e prolongada ao infinito.

Os joanitas atribuíam a criação de sua igreja secreta a **S. João**. Os grandes pontífices da seita tinham o título de *Christos*, *Ungido* e *Consagrado*, declarando uma linha sucessória ininterrupta de pontífices desde o próprio **S. João**. Aquele que, no período de fundação da Ordem do Templo, dizia ter essas prerrogativas imaginárias chamava-se *Teocleta*. Ele conheceu **Hugues de Payens**, iniciou-os nos mistérios e esperanças de sua pretensa igreja, seduziu-o com as noções de soberania sacerdotal e suprema realeza e, finalmente, designou-o como seu sucessor.

Assim, a Ordem dos Templários, desde sua origem, devotou-se à causa da oposição à tiara de Roma e à coroa dos reis – e o apostolado do gnosticismo cabalístico fixou-se entre seus Chefes. Como **S. João** era o patrono dos gnósticos, a tradução corrente de sua luta contra os heréticos de sua seita e contra os pagãos que negavam ser **Cristo** a Palavra é enganosa ou, no mínimo, má interpretação de todo o espírito daquele evangelho.

As tendências e os fundamentos da Ordem estão envolvidos em profundo mistério, ainda que externamente ela professasse a mais perfeita ortodoxia. Somente os Chefes conheciam o objetivo da Ordem; os subalternos seguiam-nos sem desconfiança.

Conseguir influência e riqueza para então intrigar e, se necessário, combater para estabelecer os dogmas joanitas ou gnóstico cabalista, estes eram os objetivos e os meios propostos aos Irmãos Iniciado. “O Papado e as monarquias rivais”, diziam-lhes, “são vendidos e corrompidos estes dias; tornaram-se corruptos e, amanhã, talvez, venham a destruir-se mutuamente. Tudo tornar-se-á herança do Templo: O mundo logo virá a nós para seus soberanos e pontífices. Nós seremos o equilíbrio do universo e governaremos sobre os mestres do mundo.”





Os Templários, como todas as ordens e associações secretas, têm duas doutrinas. Uma é oculta e reservada aos Mestres, o joanismo. A outra, pública, era o catolicismo romano. Assim eles enganaram os adversários a quem buscavam suplantar. Daí, a Maçonaria, que vulgarmente se imagina ter começado com os arquitetos de **Dionísio** ou os pedreiros alemães, ter adotado **São João Evangelista** como um de seus patronos, associando a ele **São João Batista**, de modo a não levantar as suspeitas de Roma, e, assim, ocultamente, proclamar-se herdeira da Cabala e dos essênios.

O joanismo dos Adeptos seguia a Cabala dos gnósticos primitivos, que se degenerou depois nas fórmulas heréticas desenvolvidas [no seio] do gnosticismo, entre as

quais até **Manes**(6) tinha seus seguidores. Muitos adotaram suas doutrinas dos dois princípios, cuja lembrança está perpetuada no cabo da adaga e no pavimento quadriculado da Loja, tolamentemente chamada a *Indented Tessel* (7) e representada por grandes borlas penduradas, quando, na realidade, significa um pavimento ladrilhado (*tessera*, em latim, significa mosaico, ladrilho) em losangos pretos e brancos, em torno do qual está uma moldura denticulada. Nos Altos Graus, onde quer que as cores branca e preta estejam em justaposição, elas aludem aos dois princípios de **Zoroastro** e **Manes**. Com outros, ainda, a doutrina transformou-se em puro panteísmo, descendente daquele dos brâmanes e levados a uma idolatria da Natureza e ao ódio de todo dogma revelado.

A tudo isto a levou, inevitavelmente, à absurda leitura da Igreja estabelecida, tomando literalmente a linguagem figurativa, alegórica e mística de uma coleção de livros orientais de diferentes épocas. O mesmo resultado ocorreu da tolice de interpretar os livros hebraicos como se eles tivessem sido escritos pelo intelecto prático, mas nada imaginativo, vigente na Inglaterra de **James I** ou pelo preconceituoso presbiterianismo escocês.

Para ter sucesso e ganhar Adeptos, os Templários professavam simpatia por credos decaídos e encorajavam novas crenças, prometendo a todos liberdade de consciência e uma nova ortodoxia que seria a síntese de todos os credos perseguidos.

É absurdo pensar que homens de intelecto pudessem adorar um ídolo monstruoso chamado **Bafo-mé** ou que reconhecessem **Mao-mé** como um profeta inspirado. O simbolismo deles, criado inventado em épocas anteriores, para ocultar o que era perigoso seguir, foi naturalmente mal compreendido pelos não Adeptos e, para seus inimigos, parecia panteísmo. O bezerro de ouro, feito por **Aarão** para os israelitas, não era mais do que um dos bois no mar de bronze. E os querubins, no propiciatório, mal compreendidos. Os símbolos dos sábios tornam-se sempre os ídolos da multidão ignorante. O que os Chefes da Ordem realmente acreditavam e ensinavam é sugerido aos Adeptos nas entrelinhas dos Altos Graus da Maçonaria e por símbolos que somente os Adeptos entendiam.

Os *Graus Azuis*(8) não são mais do que o pórtico do Templo. Parte dos símbolos são apresentados ao Iniciado, mas ele é intencionalmente enganado por falsas interpretações; [apenas] intenciona-se que ele imagine que os entenda. Sua verdadeira explicação está reservada aos Adeptos, os Príncipes da Maçonaria. O corpo completo das artes reais e sacerdotais foi oculta tão cuidadosamente nos Altos Graus, por séculos, que, mesmo agora, é ainda impossível resolver





muitos dos enigmas que eles contém. Basta, para a massa dos que se intitulam Maçons, imaginar que tudo esteja contido nos Graus Azuis. E os que tentarem esclarecê-los violarão suas obrigações como Adeptos e trabalharão em vão. Maçonaria é uma verdadeira Esfinge, enterrada até a cabeça pelas areias amontoadas à sua volta pelo tempo.

As sementes da decadência foram semeadas na Ordem em sua própria origem. Hipocrisia é uma doença mortal. Ela concebeu uma grande obra que era incapaz de levar a termo, porque não conhecia nem a humildade nem a abnegação pessoal, porque Roma, então, era invencível e porque os Chefes posteriores da Ordem não compreenderam sua missão. Mais ainda, os Templários, em sua maioria, não eram educados, capazes apenas de brandir a espada, sem qualificação para governar ou sustentar essa rainha do mundo que se chama Opinião. As doutrinas dos Chefes pareceriam, se expostas às massas, não mais do que o balbuciar da loucura. Os símbolos dos sábios são os ídolos dos vulgares, tão sem significado quanto os hieróglifos do Egito para os nômades árabes. Sempre deverá haver, para a massa de Iniciados, uma explicação simplória daqueles símbolos que são eloquentes para os Adeptos.

(continua)

Notas:

(1) Em 1826 ocorreu, nos Estados Unidos, um incidente na pequena cidade de Batávia um incidente tomou proporções enormes. Um certo **William Morgan**, expelido ainda no Segundo Grau por mau comportamento, decidiu imprimir e divulgar os rituais maçônicos, para revolta dos Maçons. Aproveitando-se de que ele, bêbedo contumaz, foi preso numa confusão, eles o tiraram da cadeia e sumiram com ele. As evidências apontam o exílio forçado, mas um jornalista local aproveitou-se do fato para fazer sensacionalismo, acusando os Maçons de terem-no matado. E até produziu um suposto cadáver, ainda que Morgan era careca e o cadáver, cabeludo... As comunicações precárias da época fizeram com que as notícias sensacionalistas tomassem vulto e uma grande onda antimaçônica varreu os Estados Unidos, dando origem até mesmo a um Partido Antimaçônico! Vinte anos se passaram até que a Maçonaria americana recobrasse o fôlego. Por esta razão é que, ainda hoje, a maioria das Lojas americanas trabalham no Grau 3 e só é considerado Maçom o que chega a Mestre.

(2) No *Morals and Dogma* original, **Pike** usa a grafia hebraica (com as letras QDS) para *Kadosh* (sem o C que usamos em português).

(3) **Pio IX** (1792-1878) foi Papa por 31 anos e viu a unificação italiana e a extinção dos Estados Papais pelas mãos dos Maçons **Giuseppe Garibaldi**, **Giuseppe Mazzini** e **Camilo Benso**, conde de **Cavour**. Este sentimento exacerbado contra a Maçonaria foi também alimentado pela questão da laicização do ensino na França, que roubava ao parte das rendas da Igreja, conduzida principalmente por outro Maçom,

Maximilian Littré. Em 2006, o Vaticano isentou os Templários de culpa, consequência da descoberta do pergaminho de Chinon, um manuscrito de 1308.

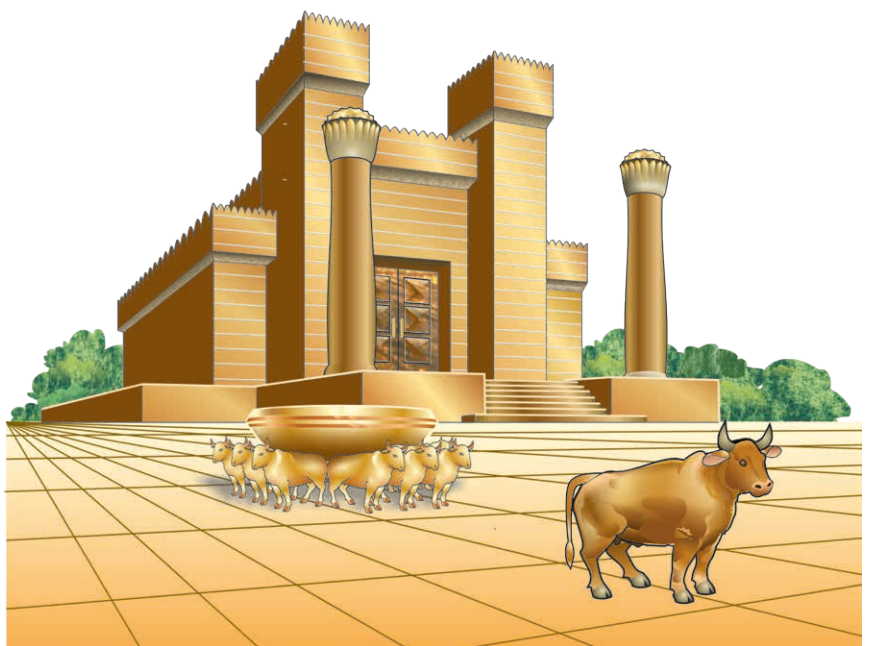
(4) Não nos esqueçamos de que **Pike** escrevia na segunda metade do século XIX, muito antes, portanto, de tudo que as modernas pesquisas trariam à luz, como por exemplo a inocência dos Templários, comprovada pelo manuscrito de Chinon, encontrado em 2002.

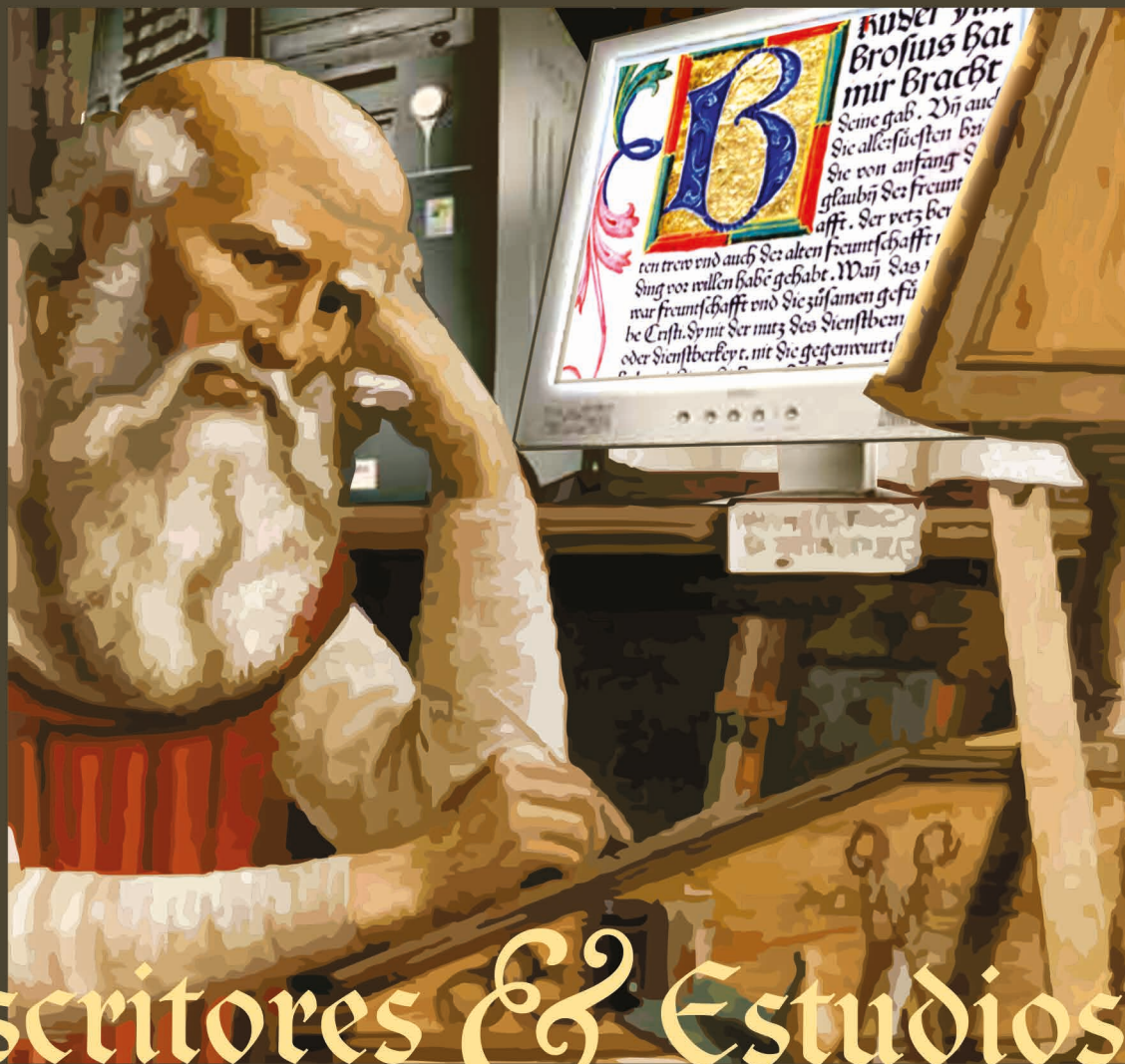
(5) **Photius**, ou **São Fócio de Constantinopla** (c.829-c.893), foi um poderoso e influente patriarca da igreja ortodoxa. Sempre ao centro de conflitos eclesiais, era famoso por sua erudição e teve vida muito atribulada.

(6) Quando usamos o termo maniqueísta para designar visão de dois polos extremos, preto e branco, estamos nos referindo a **Mani**, **Manes** ou **Maniqueu** (c216-274), profeta nascido na Babilônia, fundador de uma seita gnóstica baseada em um dualismo rígido representativo da luta entre o bem e o mal.

(7) **Indented Tessel** ou **Tarsel**, como aparece no *Masonry Dissected*, de **Samuel Prichard** (1730), que entre nós aparece traduzida como Orla Dentada. Aparece à volta do Pavimento Mosaico e tem origem em uma tradução confusa, aparentemente. *Tessel*, em inglês, é borla e *tassel*, ladrilho. O painel de instrução do Grau de Aprendiz, de **John Harris**, tem uma Orla Dentada à volta e, sobre ela, uma borla em cada canto.

(8) Os **Graus Azuis**, aos quais **Pike** se refere aqui, são os três Graus Simbólicos e não, como poderá parecer a alguns, uma referência aos Graus dos Ritos Azuis, como então eram designados os Ritos Adonhiramita e Moderno (e, mais tarde, o Brasileiro) no Grande Oriente do Brasil.





Escritores & Estudiosos

A Revista *Astréa* se propõe a ser o seu veículo em seus trabalhos sobre nosso Rito Escocês Antigo e Aceito. Por isto, a Grande Secretaria do Interior de nosso Supremo Conselho pede aos Irmãos que divulguem em seus Vales que as páginas da *Astréa* estão abertas a trabalhos de caráter filosófico e incentivem os Irmãos pesquisadores que submetam sua criação.

Neste número, começamos a publicar os trabalhos selecionados de nossos III.: PPod.: IIR.:, como determinara nosso S.: G.: Comendador Luiz Fernando Rodrigues Torres, 33º, para que nossa Astréa retomasse o sonho de seu criador, o S.: G.: Com.: Mário Marinho de Carvalho Behring.

Supremo Conselho do Grau 33 do
R.:E.:A.:A.: da Maçonaria para
a República Federativa do Brasil:
em amizade com todos
os Supremos Conselhos
regulares do mundo.



Rua Barão, 1317 - Praça Seca - Jacarepaguá
21321-624 - Rio de Janeiro - Brasil
Tels: (21) 3369-8000
secretaria@sc33.org.br / <http://www.sc33.org.br>